



RELATÓRIO ECONÔMICO

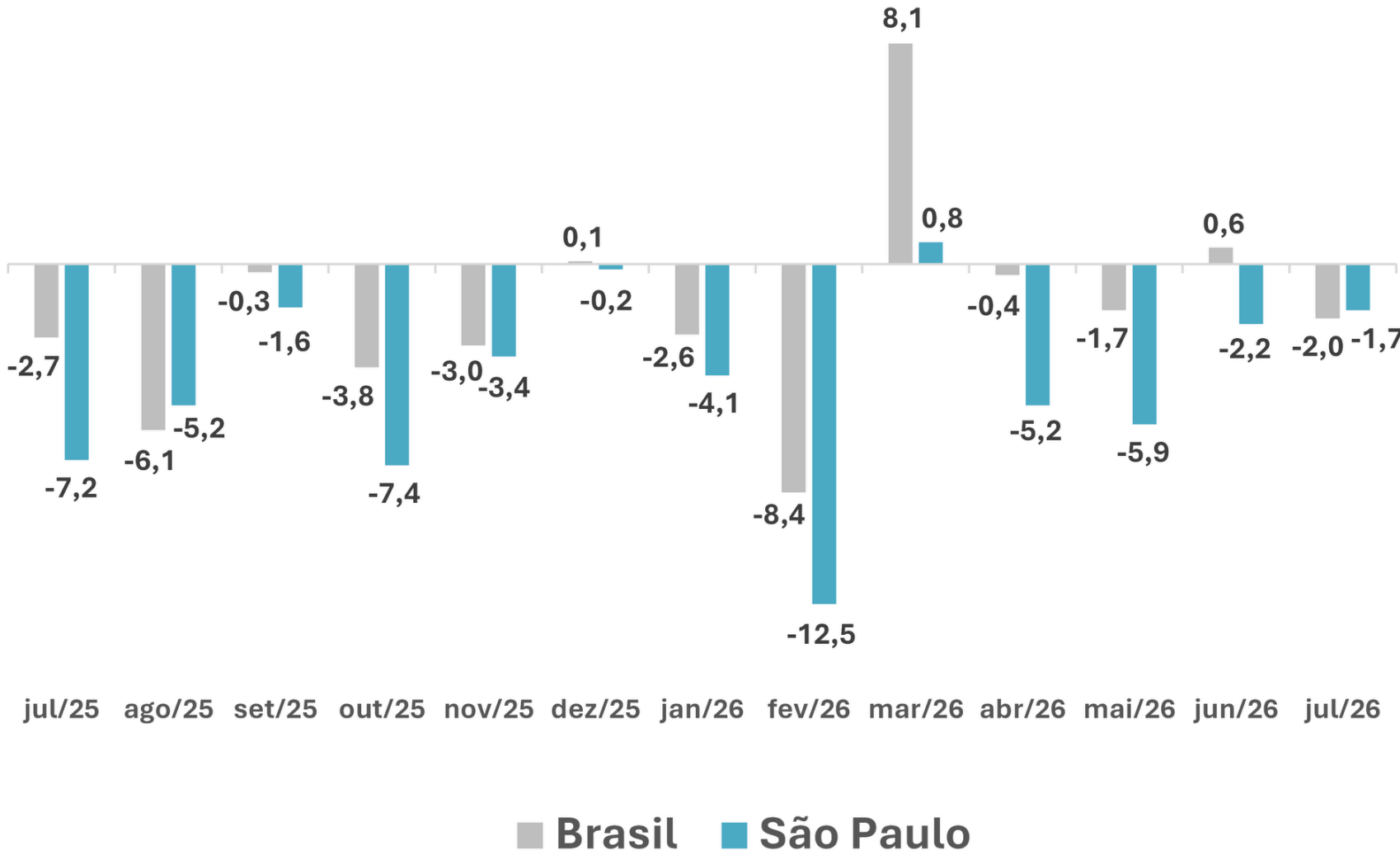
● ● ● julho 2026

.Sincomavi

PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO - IBGE

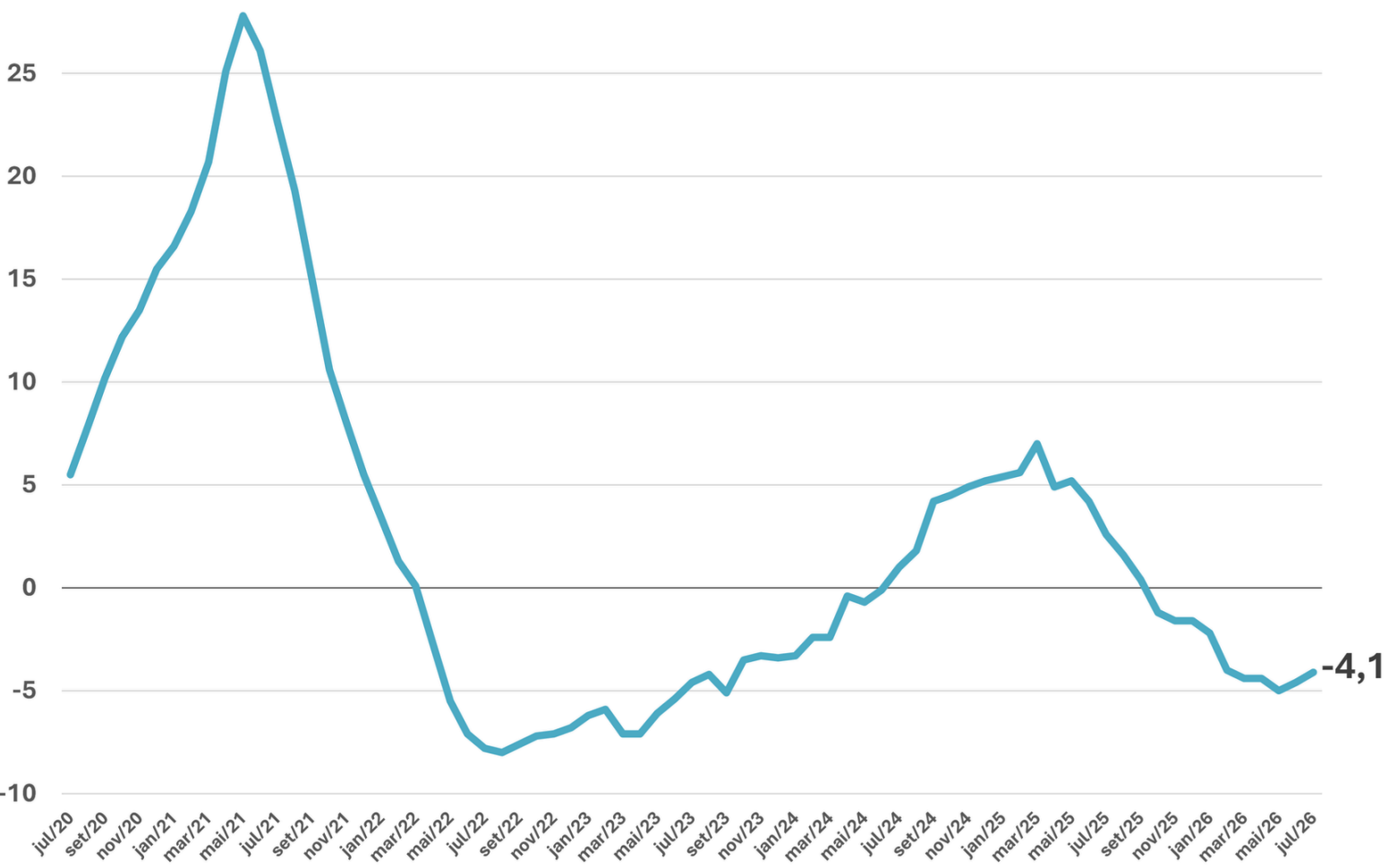
A Pesquisa Mensal do Comércio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PMC-IBGE) registrou pelo quarto mês consecutivo recuo no volume de vendas do comércio de material de construção em São Paulo, tendo como referência os mesmos meses do ano passado. Em julho, o setor sofreu no âmbito paulista uma queda de 1,7% em relação ao sétimo mês do ano passado. No país, o resultado foi ainda pior: - 2,0%.

Evolução mensal do índice de volume de vendas do comércio de materiais de construção – Mês contra mesmo mês do ano anterior (%)



No acumulado de janeiro a julho, enquanto o comércio de materiais de construção do Estado de São Paulo conto com uma retração de 4,4% em comparação ao mesmo período de 2025, no país ocorreu desempenho negativo de 1,0%. Já no acumulado em 12 meses, registra-se queda 4,1% no território paulista e de 1,7% em nível nacional.

Evolução do índice em 12 meses do volume de vendas de materiais de construção no Estado de São Paulo (%)



PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO

IBGE

O economista Jaime Vasconcellos comenta que julho não alterou a trajetória recente do varejo de materiais de construção no estado de São Paulo, considerando a performance do volume de vendas. “Embora a queda tenha sido mais moderada no mês, o resultado ainda preocupa por representar a quarta retração consecutiva do indicador na comparação com os mesmos meses de 2025”, ressalta. “Por outro lado, o desempenho menos intenso na margem suavizou a tendência negativa da taxa acumulada em 12 meses, que havia chegado a -5,0% em maio e agora está em -4,1%”. Em sua análise, Jaime lembra que, de modo geral, os fatores que explicam esse desempenho mais fraco permanecem os mesmos: elevado comprometimento da renda das famílias, crédito caro e seletivo, mesmo com a Selic em trajetória de queda, ainda que gradual, e preços que, embora tenham avançado menos nos últimos meses, também não recuaram.

OBS: O Volume de Vendas observado pela PMC resulta da deflação dos valores nominais correntes da receita bruta de revenda por índices de preços específicos para cada grupo de atividade, e para cada Unidade da Federação, construídos a partir dos relativos de preços do IPCA e do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI. A pesquisa também avalia apenas empresas com 20 ocupados ou mais.

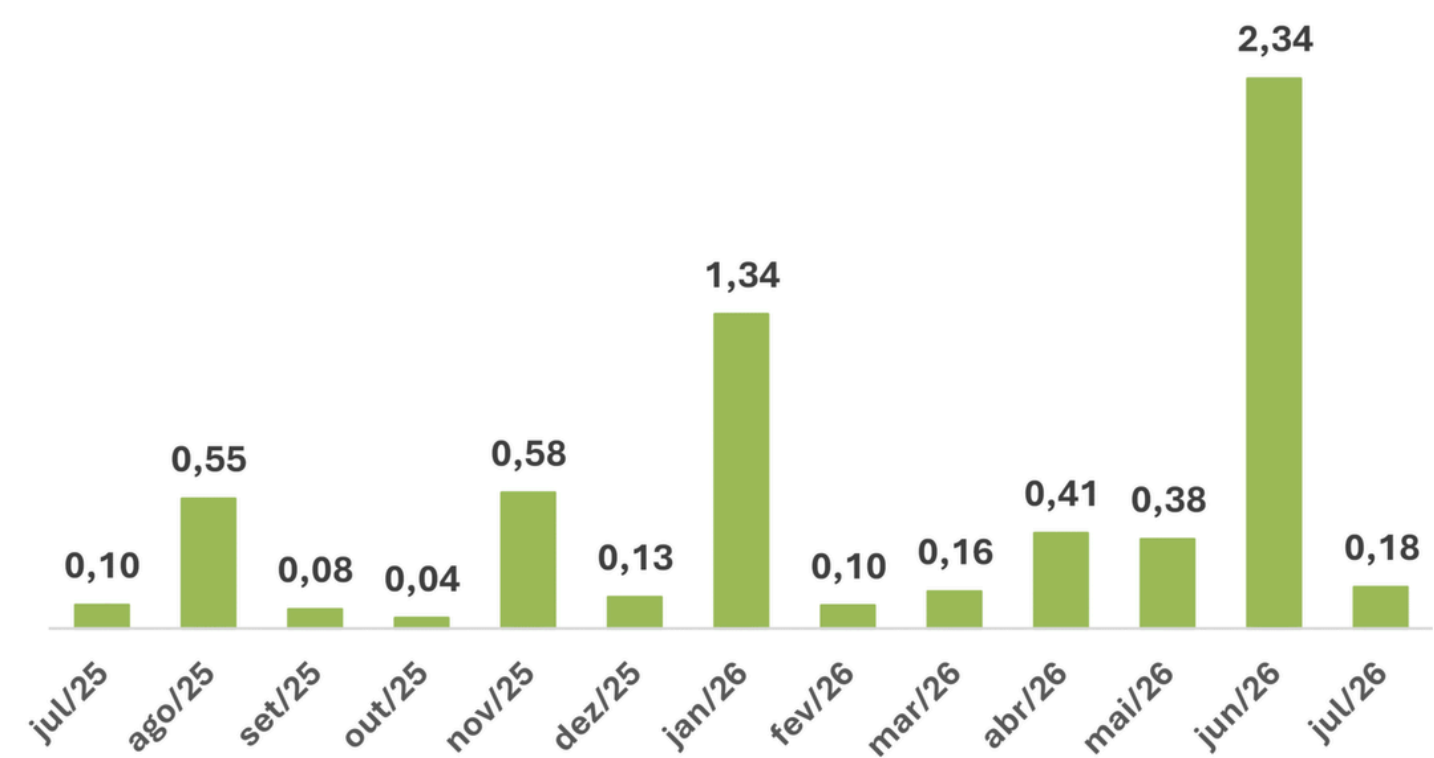


INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

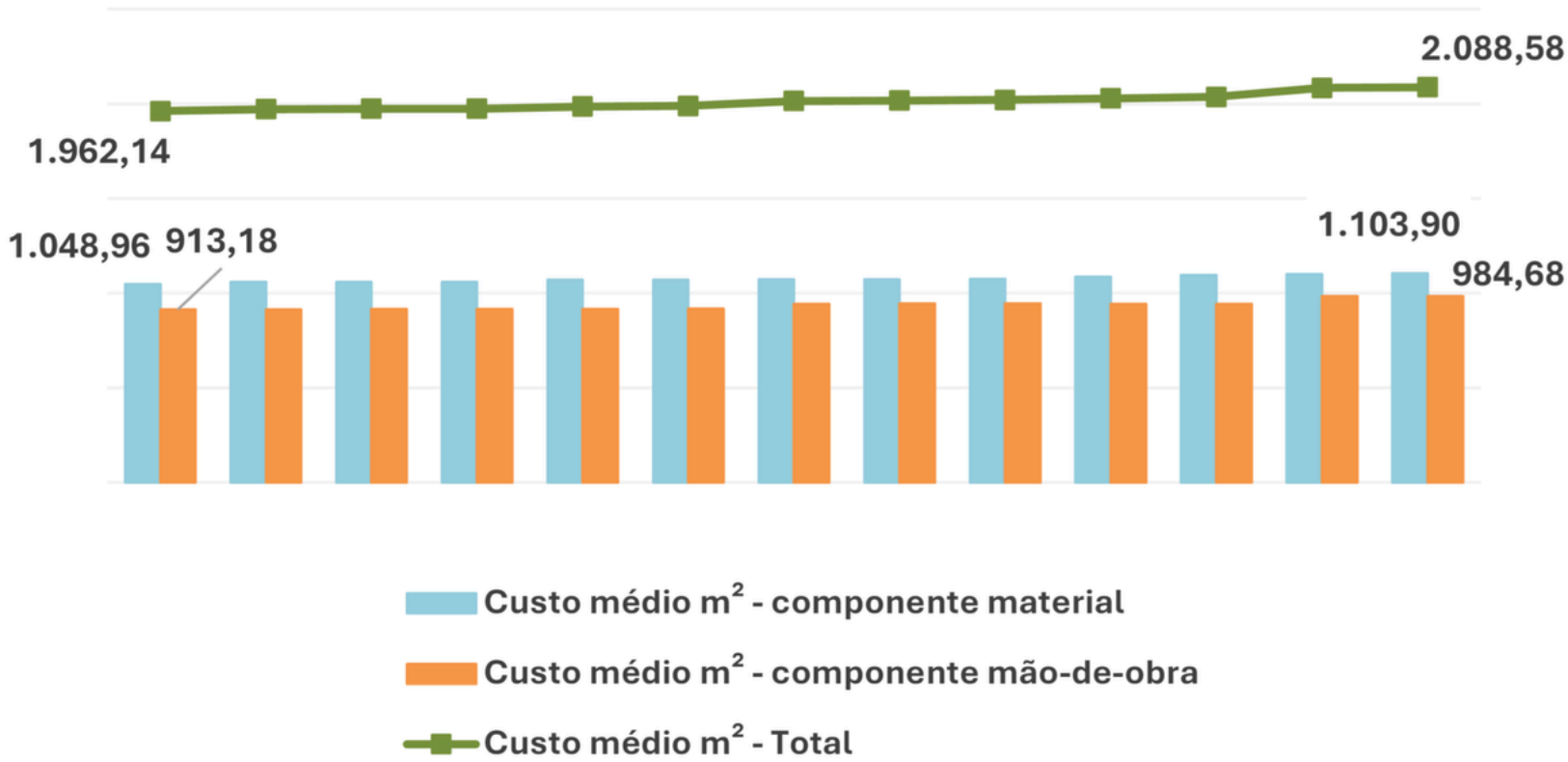
Depois de apresentar um aumento de 2,34% em junho, o Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (Sinapi/IBGE) desacelerou e registrou em julho uma variação de 0,18% no Estado de São Paulo, o menor nível dos últimos quatro meses. Em comparação a julho do ano passado, houve uma pequena aceleração, considerando que naquele mês a oscilação havia sido de 0,10%. No acumulado de 2026 o indicador atingiu os 4,98% e em 12 meses 6,44%.

Evolução do custo médio mensal do m² da construção do estado de São Paulo (%)



Em valores monetários, o metro quadrado da construção civil paulista atingiu um patamar médio de R\$2.088,58. Desta cifra, R\$1.103,90 (ou 52,85%) são dos gastos com material de construção e R\$984,68 (ou 47,15%), com mão de obra. Em julho, esses dois componentes variaram, respectivamente, 0,40% e -0,08%. Já nos últimos doze meses enquanto os materiais apresentam crescimento médio de 5,24% na economia paulista, a mão de obra conta com oscilação positiva de 7,83%.

Custo médio por m² da construção (R\$) - Estado de São Paulo



O economista Jaime Vasconcellos comenta que é possível dizer que o indicador, que mede o preço médio do metro quadrado da construção no Estado de São Paulo, voltou a “normalidade” no mês de julho, após a um período sazonal – a conhecida variação significativa de junho. “Naquele mês ocorre a correção salarial proveniente das negociações coletivas das categorias profissionais e patronais, portanto, a esperada evolução do valor médio da mão de obra”, destaca.

A variação de 0,18% em julho está em linha com o projetado, sendo este resultado mensal puxado para cima exatamente pelos materiais de construção, componente mais suscetível às variações de demanda, oferta e câmbio.



INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL SINAPI/IBGE

“Em geral, o setor tem sentido uma pressão pouco maior que a média dos indicadores gerais de preços ao consumidor em 2026 devido à evolução dos preços internacionais de commodities, principalmente cobre e petróleo, que encarecem desde materiais elétricos, ao PVC, plásticos, cimento, entre outros”, explica Jaime. Fora que o encarecimento dos combustíveis, que impacta o custo do transporte de mercadorias, seja na distribuição ou na entrega ao consumidor final. “Portanto, os resultados recentes estão em acordo com o desafiador horizonte projetado”, finaliza.

Custo médio total do metro quadrado da obra por estado da federação

Posição e UF		Custo total médio do m² (R\$)
1º	Acre	2.303,57
2º	Santa Catarina	2.243,68
3º	Rondônia	2.188,93
4º	Rio de Janeiro	2.167,25
5º	Roraima	2.128,43
6º	Paraná	2.114,28
7º	São Paulo	2.088,58
8º	Mato Grosso	2.064,68
9º	Tocantins	2.057,72
10º	Amapá	2.027,28
11º	Goiás	2.008,93
12º	Distrito Federal	2.008,66
13º	Pará	1.985,34
14º	Maranhão	1.963,74
15º	Rio Grande do Sul	1.959,58

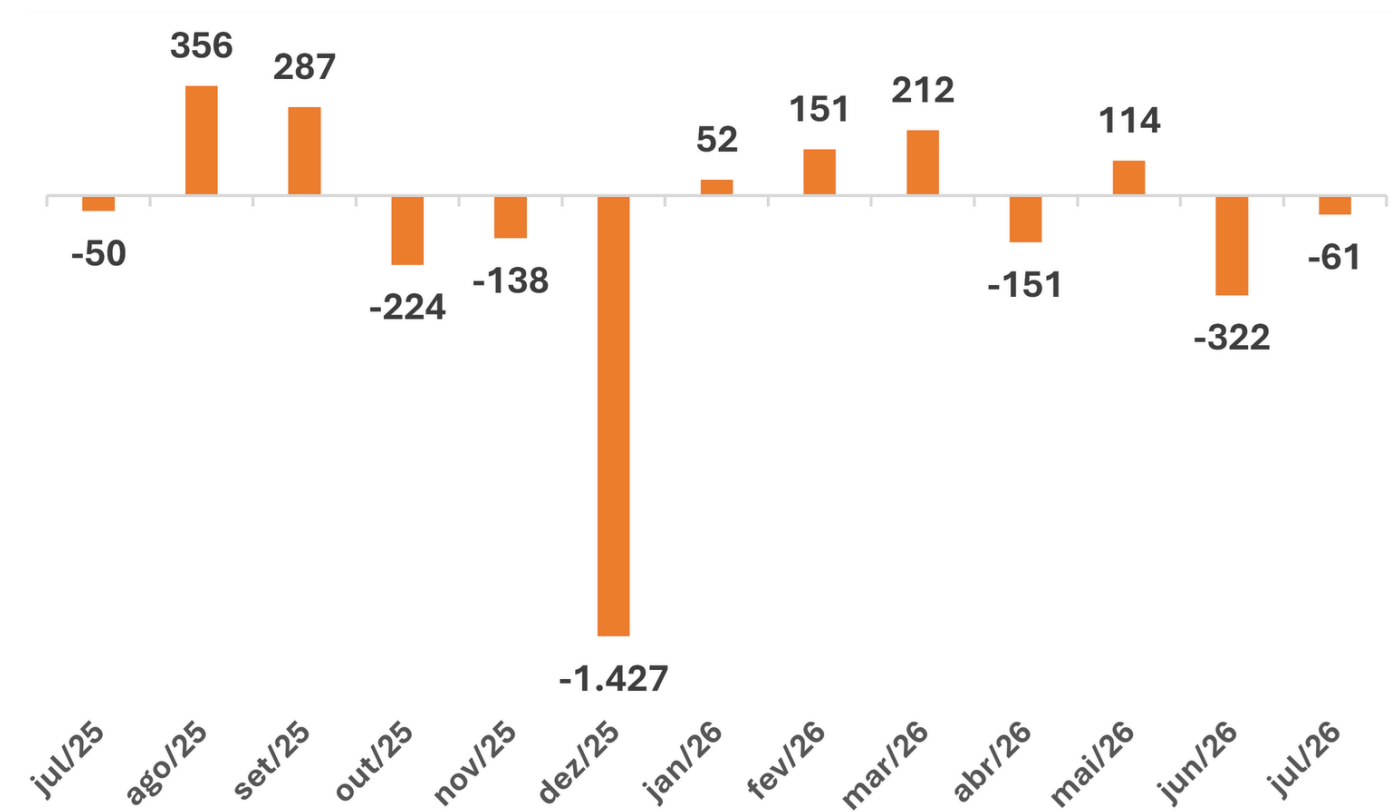


MERCADO DE TRABALHO

CAGED

Mais uma vez o comércio varejista de material de construção da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) voltou a apresentar retração de seu mercado de trabalho formal, segundo dados do Novo Caged. Depois de registrar 322 empregos a menos em junho, o setor cortou 61 postos de trabalho em julho, resultado de 3.571 admissões contra 3.632 desligamentos. Com isso, o estoque do setor atingiu 91.358 vínculos ativos.

Saldo de empregos do varejo de materiais de construção – RMSP



MERCADO DE TRABALHO

CAGED

Dentre os segmentos analisados, os saldos negativos mais agudos em julho foram alcançados pelos estabelecimentos de material de construção em geral (-61 vagas) e de ferragens e ferramentas (-49 vagas). Por outro lado, o segmento de madeira e artefatos liderou o mês positivamente, com 28 novos postos de trabalho.

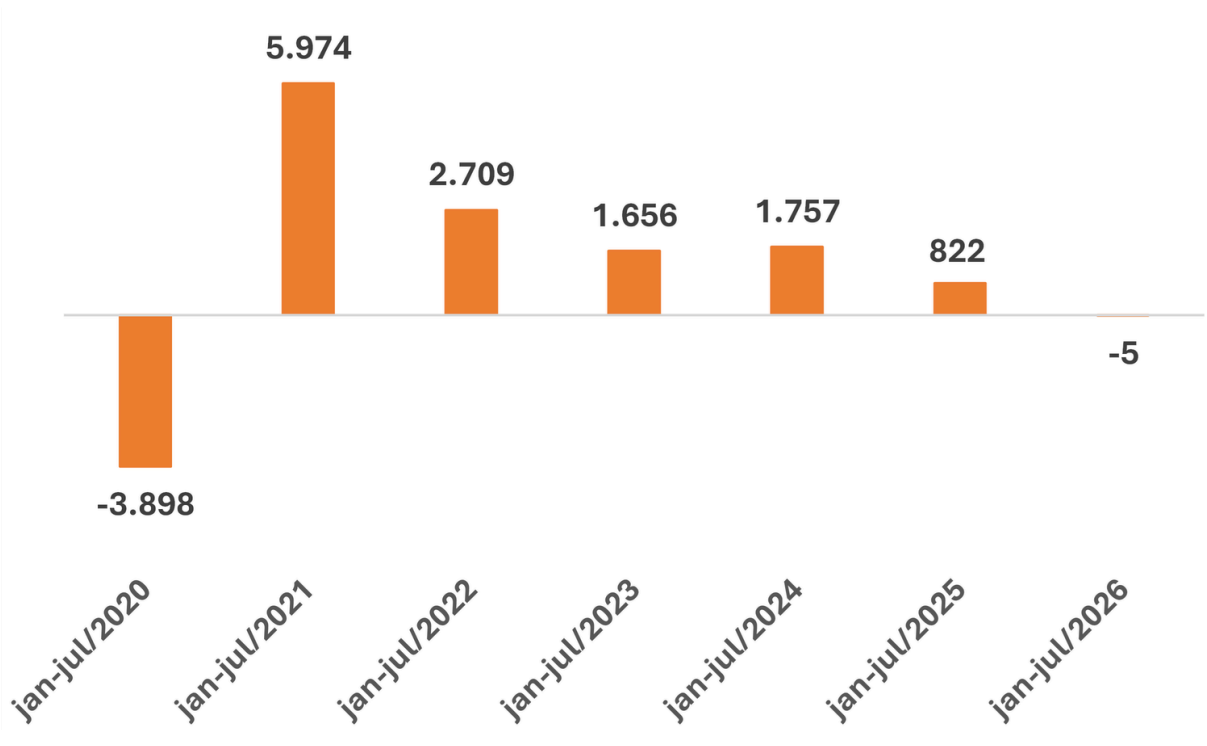
Movimentação e estoque de empregos celetistas – RMSP – julho de 2026

Segmentos do varejo	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	40	44	-4	924
Ferragens e Ferramentas	607	656	-49	15.853
Madeira e Artefatos	263	235	28	6.441
Materiais de Construção	1.817	1.878	-61	46.637
Materiais Hidráulicos	68	84	-16	2.288
Pedras para Revestimento	64	69	-5	1.714
Material Elétrico	294	273	21	8.009
Tintas e Materiais para Pintura	218	204	14	4.559
Vidros	200	189	11	4.933
Total	3.571	3.632	-61	91.358

Fonte: Novo Caged
Elaboração e cálculos: Sincomavi

Com mais essa redução mensal, no acumulado de janeiro a julho de 2026 o setor apresenta praticamente uma estagnação. O saldo é de apenas 5 empregos perdidos, o pior resultado para os sete primeiros meses de um ano desde 2020.

Saldo de empregos do varejo de materiais de construção – RMSP – janeiro a julho de 2026



Novamente dentre as atividades analisadas, observa-se que a maior contraposição de desempenho ocorreu entre o varejo de ferragens e ferramentas, com 141 empregos perdidos ao longo de 2026, e os estabelecimentos de materiais elétricos, com 197 abertas nos primeiros sete meses do ano.



MERCADO DE TRABALHO CAGED

Movimentação e estoque de empregos celetistas – RMSP –
janeiro a julho de 2026

Segmentos do varejo	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	279	258	21	924
Ferragens e Ferramentas	4.414	4.555	-141	15.853
Madeira e Artefatos	1.829	1.888	-59	6.441
Materiais de Construção	13.663	13.661	2	46.637
Materiais Hidráulicos	597	655	-58	2.288
Pedras para Revestimento	426	458	-32	1.714
Material Elétrico	2.380	2.183	197	8.009
Tintas e Materiais para Pintura	1.446	1.454	-8	4.559
Vidros	1.589	1.516	73	4.933
Total	26.623	26.628	-5	91.358
Fonte: Novo Caged				
Elaboração e cálculos: Sincomavi				
*Até julho				

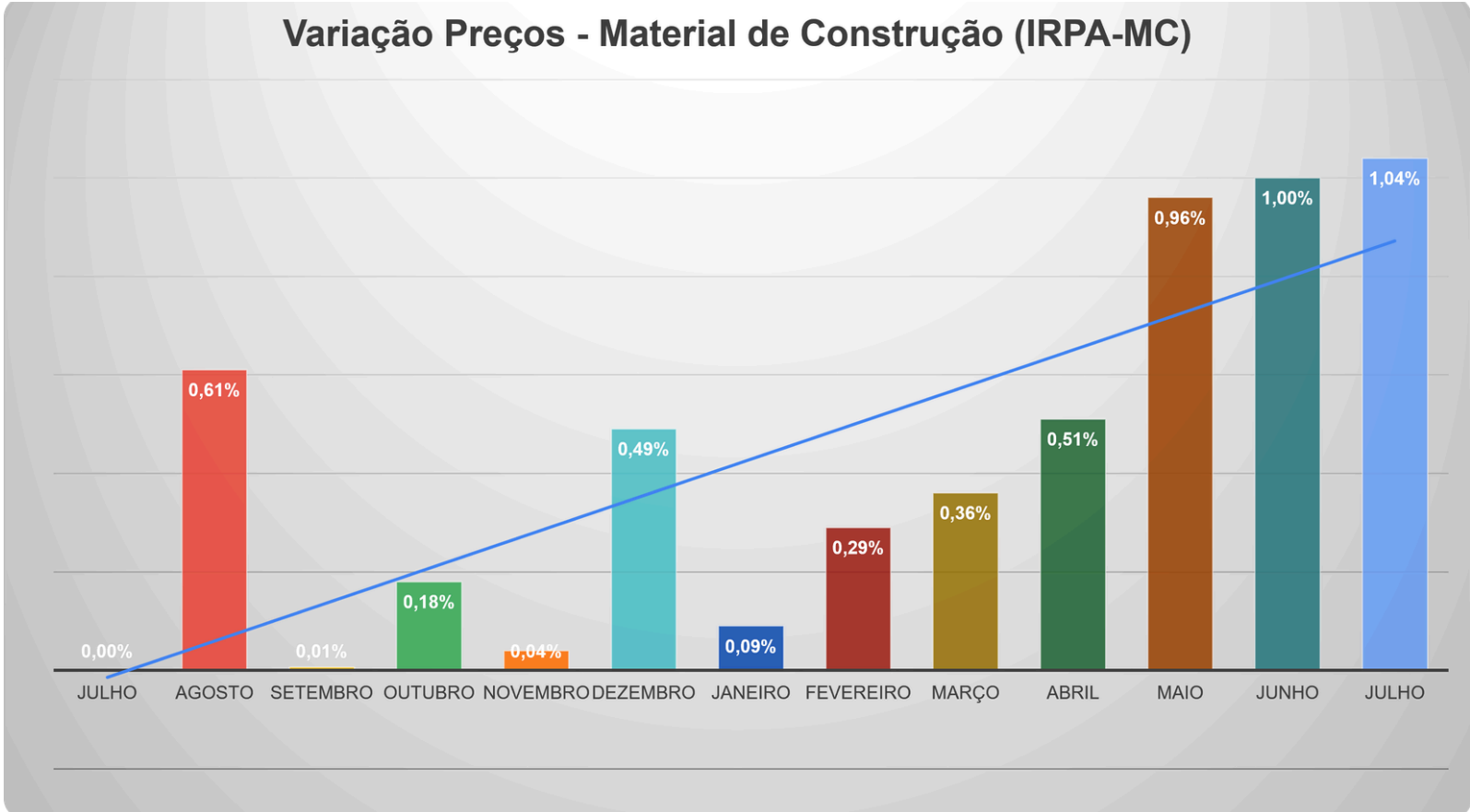
“Não é de hoje que se sabe que o emprego é um dos indicadores que mais demora a refletir mudanças no ritmo da atividade econômica”, explica o economista Jaime Vasconcellos. Em sua opinião, no caso do varejo de material de construção da RMSP, porém, os dados já apontam há algum tempo para uma perda gradual de dinamismo. “O resultado de julho ajuda a evidenciar esse movimento na margem, mas é sobretudo a estagnação observada ao longo de 2026 que deixa mais clara a mudança em relação aos anos anteriores: o setor consolida um processo de esgotamento do ritmo de expansão de seu quadro funcional”, avalia. Jaime lembra ainda que tal movimento pode refletir tanto uma oferta mais restrita de mão de obra quanto, principalmente, a desaceleração da atividade e das vendas. “Em qualquer dos casos, o desempenho aponta para um mercado de trabalho praticamente estagnado em 2026, com sinais recentes de deterioração”, complementa.

A conjuntura de juros elevados, crédito mais seletivo e demanda enfraquecida, em um ambiente de elevado comprometimento da renda das famílias e baixa capacidade de investimento das empresas, tende a manter esse cenário desafiador nos próximos meses. Diante desse quadro, a perspectiva é de que o varejo de material de construção da RMSP encerre 2026 novamente com mais desligamentos do que admissões de trabalhadores formais, consolidando um segundo ano negativo do emprego no setor.

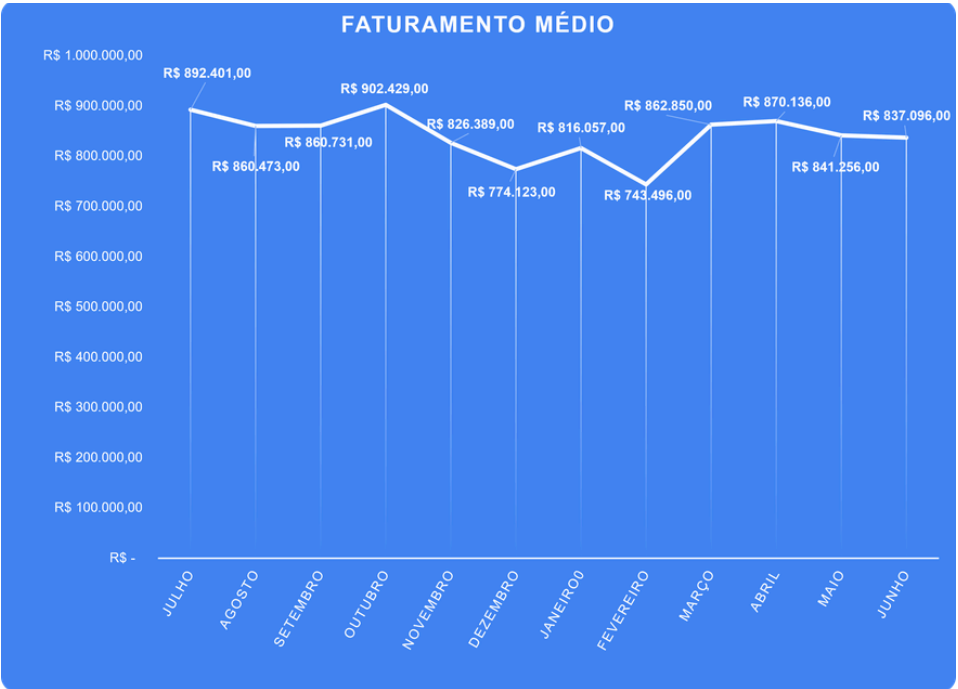
INDICADORES SETORIAIS

IRPA-MC

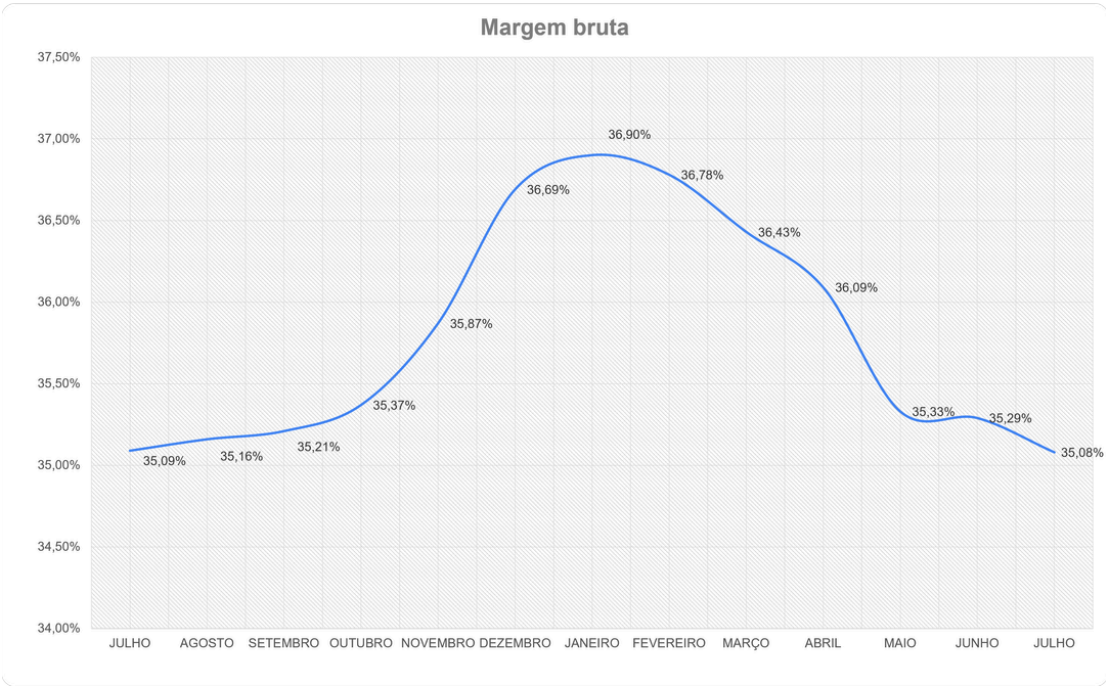
O Índice Azure de Reajuste de Preço de Venda – Material de Construção (IRPA-MC) registrou a sétima alta consecutiva em julho nos preços dos produtos da construção e atingiu os 1,04% – o maior patamar histórico do indicador. No acumulado do ano, a média alcançou 4,2% e, nos últimos doze meses, a 5,62%. Para efeito de comparação, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que mede a inflação oficial do Brasil, em sua última divulgação, acumula em 12 meses uma elevação de 4,44%.



O estudo realizado pelo Sincomavi, a partir de dados coletados pela Azure Sistemas em 432 lojas de pequeno e médio portes, mostra ainda que ocorreu uma alta no faturamento médio do setor. Esse indicador contou com crescimento no período e chegou aos R\$877.867,00 – o melhor resultado do ano. No entanto, tal desempenho fica aquém do obtido no mesmo mês do ano passado (R\$892.401,00). Além disso, é preciso destacar que o aumento se deve possivelmente a influência exercida pela majoração de preços do setor.



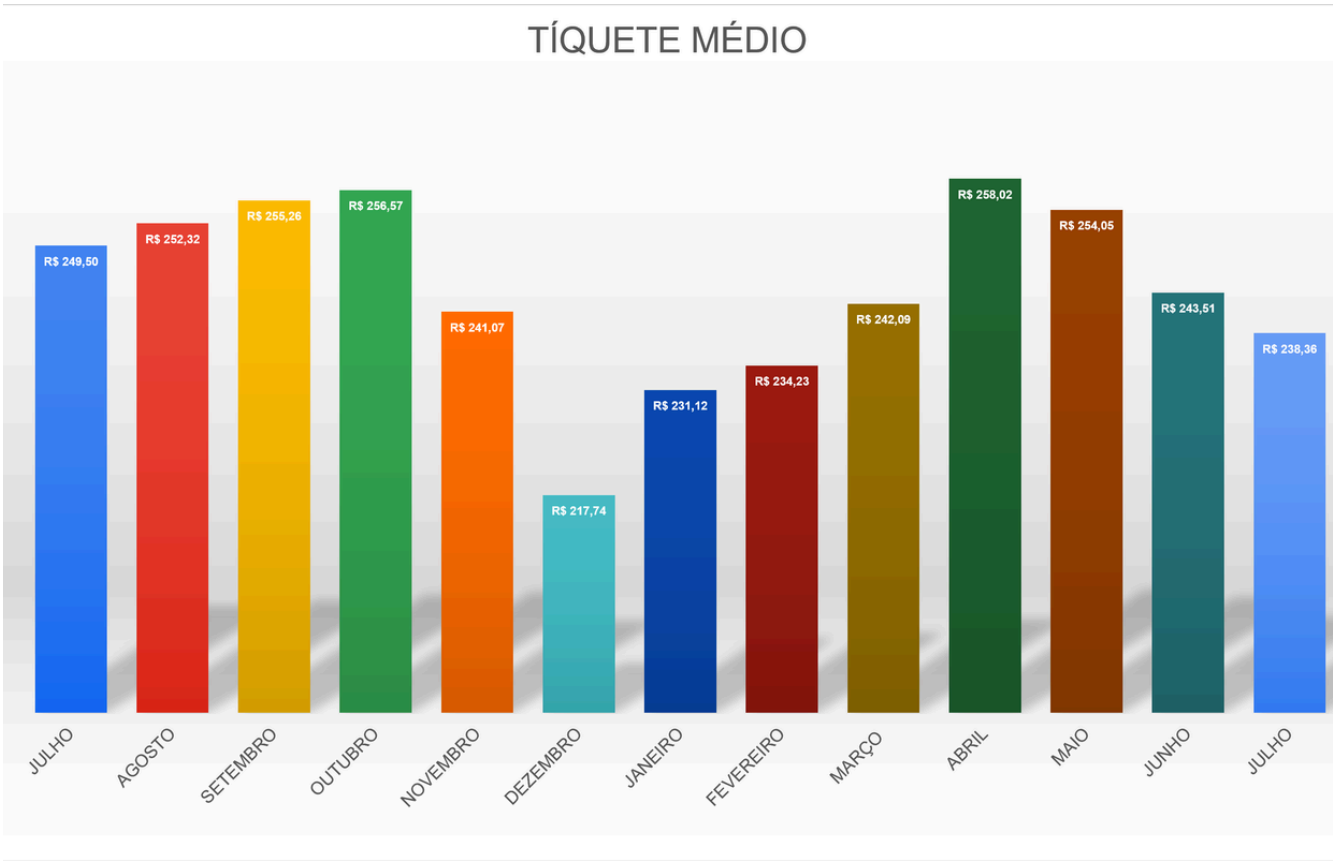
Seguindo a tendência verificada nos meses anteriores, a margem bruta sofreu novo recuo. Em julho, esse indicador atingiu os 35,08%, o que representa o patamar mais baixo registrado dos últimos doze meses.



INDICADORES SETORIAIS

IRPA-MC

O tíquete médio foi outro indicador que caiu em julho, saindo de R\$243,51, em junho, para R\$238,36, no mês passado. Dado importante: com esse resultado, a margem bruta do segmento registra a terceira queda consecutiva.



Os itens do setor monitorados pelo IBGE para o cálculo do IPCA dentro das categorias “Reparos”. “Eletroeletrônicos”, entre outros, sofreram as seguintes variações em julho de 2026.

PRODUTO	VARIAÇÃO
Ferragens	0,87%
Material de eletricidade	-0,79%
Vidros	0,00%
Tintas	0,37%
Ferramentas	nd
Revestimento de piso e parede	0,84%
Madeira e taco	0,63%
Cimento	-0,22%
Tijolo	0,80%
Material hidráulico	2,49%
Areia	-0,21%
Pedras	-0,15%
Telha	1,10%
Chuveiro elétrico	3,14%
Ar-condicionado	0,08%
Computador pessoal	0,53%
Ventilador	0,27%
Eletrodomésticos e equipamentos	0,05%
Aparelhos eletroeletrônicos	0,43%
Bicicleta	-0,55%



**SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MAQUINISMOS, FERRAGENS,
TINTAS, LOUÇAS E VIDROS DA GRANDE SÃO PAULO
RUA BOA VISTA, 356 - CENTRO - SÃO PAULO - CAPITAL
TELEFONE (11) 3488-8200 | SINCOMAVI@SINCOMAVI.ORG.BR**